

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja

Class.: Antropólogos/Antropologia

Data: 21/09/94

Pg.: 120-121

115

HISTÓRIA

Resgate merecido

Em Negros da Terra, um retrato inédito e primoroso do cativo indígena

PAULO MOREIRA LEITE

Seus proprietários costumavam chamá-los de "negros da terra" para diferenciá-los dos que vinham da África. O sábio Antonio Vieira gostava de defini-los como o "Ouro Vermelho". Antes de frequentar a mitologia verde como símbolos de uma pureza ameaçada pelo progresso, os índios brasileiros estiveram no centro de outro conto de fadas branco, poderoso e duradouro. Ao contrário de seu parceiro de cativo, o negro africano, o índio entrou para a historiografia nacional pela página cômoda do preconceito e da ignorância como um ser indolente e desprezível que não teria tido sequer músculos — quanto mais cérebro — para contribuir para o desenvolvimento do país. Já dava para imaginar que, por trás dessa visão, estava escondido o velho costume de justificar a violência do vencedor a partir de supostas fraquezas — econômicas, militares ou mesmo genéticas — dos vencidos. Agora, existe um belo livro de História para contar o que de fato aconteceu.

Seu autor é John Manuel Monteiro, um americano de 38 anos, neto de portugueses, há uma década e meia estudando a economia colonial brasileira. O livro é *Negros da Terra* (Companhia das Letras; 300 páginas; 19 reais). Trata-se de uma dessas obras que interessam aos acadêmicos e ao leitor comum, tão cheia de novidades que já merece uma versão infanto-juvenil para emancipar os estudantes do tom superficial e da pobreza da maioria dos livros didáticos. Com a segurança de quem fez a lição de casa, Monteiro revela, com o apoio de inventários, relatos de jesuítas, documentos oficiais e testemunhos, o lugar essencial da mão-de-obra indígena na economia colonial e mesmo na formação do Brasil de hoje.

O que se descobre é um cativo promovido com persistência, rigor e método. Ini-

ciou-se logo após o descobrimento e, na Amazônia, ainda vigorava mesmo com a Lei Áurea, quase quatro séculos depois. No Rio de Janeiro do século XVIII, por exemplo, foram indígenas que colocaram de pé um dos mais belos marcos da arquitetura da cidade, os Arcos da Lapa. Na economia colonial, o negro africano tinha de ser importado, era um investimento de porte e destinado aos setores mais dinâmicos de exportação, como a cana-de-açúcar, a mineração e o café. Para o colonizador com menos dinheiro, que era a maioria, o índio estava ali no mato, ao alcance do mosquetão e do laço. O índio foi o escravo do mercado interno, do feijão, do milho e do trigo.

O NEGÓCIO ERA ÍNDIO — Monteiro não fez um livro sobre a escravidão indígena em todo o país, mas concentrou seus esforços num período específico de uma região específica — São Paulo, século XVII. Foi nessa época que a economia paulista, então uma das mais atrasadas do país, adquiriu certo fôlego. A partir de fazendas em torno da capital e de outras cidades, ganhou a condição, merecida, de celeiro do país. Também foi num personagem dessa época que a oligarquia paulista mais tarde se inspirou para criar seu mito original, o bandeirante. Colocando



as luzes da História sobre cidadãos até protegidos pela lenda, *Negros da Terra* mostra que os fatos são muito mais feios do que as versões.

Costuma-se enxergar os bandeirantes como grandes desbravadores, interessados em alargar as fronteiras nacionais para além da linha do Tratado de Tordesilhas. Monteiro deixa claro que para eles o negócio era índio. Raposo Tavares, a quem se atribui o papel de incansável sertanista, pagava suas contas do fim do mês com uma fazenda tocada por uma centena de índios-escravos. Fernão Dias Pais, fracassado descobridor de esmeraldas, foi um bandeirante que fez fortuna graças ao serviço de um plantel imenso — algumas estimativas da época, exageradas, falam de 5 000 índios a seu serviço. De Domingos Jorge Velho fica o retrato de um mercenário que se colocou a serviço da coroa para destruir o Quilombo de Palmares porque estava interessado na mão-de-obra que poderia levar consigo. Outra especialidade dos bandeirantes era promover ataques armados às missões de jesuítas para roubar índios



Monteiro: os fatos mais feios que as versões

ANTONIO MILENA

Instituto Socioambiental

fonte: VEJA

class.: 115

data: 21/09/94

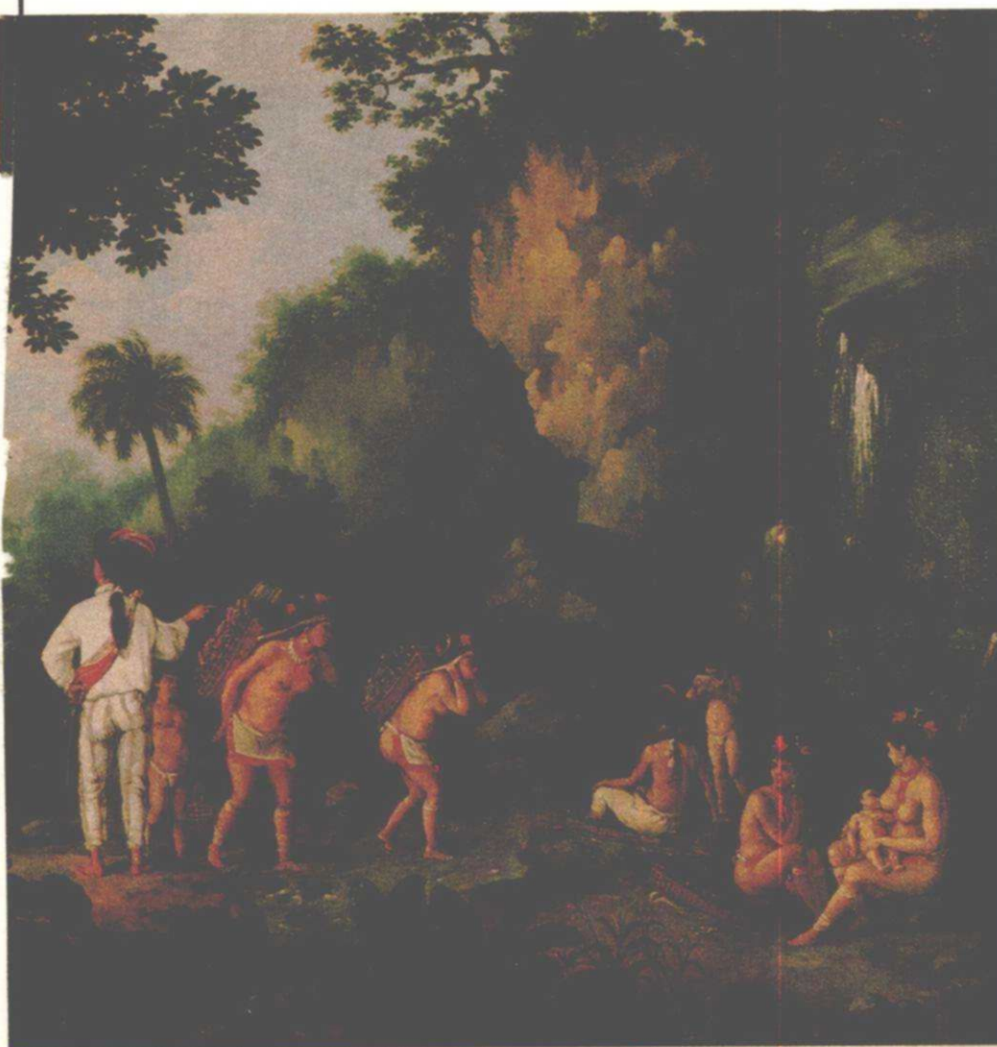
pg.: 120-121 (CONT.)

Índios a serviço de brancos: lugar essencial na economia interna do Brasil colonial

tinha salário, era escravo de fato, mas não de direito. Na África, o tráfico negreiro era um negócio estabelecido e regulamentado. No caso do índio, não. A Coroa nunca deixou de reconhecer que os índios eram os donos da terra que pretendia colonizar, o que tornava impossível sustentar que tivesse o direito de manter os proprietários em cativeiro. O governo português proibia a escravidão indígena, mas nunca foi capaz de se impor sobre os "usos e costumes" locais. Sob o pretexto inspirado nas cruzadas de que os cativos haviam sido tomados em "guerras justas" era admitido escravizá-los. Também se justificava a situação com motivos humanitários. Alegava-se que os cativos haviam sido salvos de tribos rivais que pretendiam devorá-los em rituais de antropofagia. Uma visão, comum a todos, era o velho paternalismo de conveniência. Consistia em defender a idéia de que o índio, sob domínio branco, estava sendo protegido e educado — o professor Hélio Jaguaribe talvez dissesse "integrado" — pelos colonizadores. Numa serena carta ao rei dom Pedro II, Domingos Jorge Velho chegava a explicar que os senhores de índios, "bem longe de os cativar, lhes fazem um irremunerável serviço ensinando a lavrar, plantar, colher e trabalhar, coisa que, antes que os brancos lhes ensinem, eles não sabem fazer".

"MERA PREGUIÇA" — O dado essencial da escravidão indígena é que ela só se tornou possível numa economia com dois elementos bem definidos. O primeiro é o formato da propriedade da terra. Um poucas famílias paulistas eram donas de fatias de terra imensas, que necessitavam de muitos braços para lavrá-las. Por esse motivo precisavam de grandes plantéis de cativos. O outro aspecto era a mentalidade do colonizador, que deixava Portugal com a esperança de enriquecer e virar nobre e não pegar na enxada para garantir o próprio sustento. Esse cidadão sempre achou mais

cômodo arrumar alguém que trabalhasse por ele. Foi o que notou Bartolomeu Lopes de Carvalho, um dos mais atilados observadores da época. Numa carta famosa, ele explicou a dependência dos brancos em relação ao índio e ao negro dizendo que "sem essa gente não se poderá tirar nenhum fruto do Brasil, porque tudo lá é uma mera preguiça". ■



FUNDAÇÃO FRANÇA BRASIL

que eram mantidos em aldeamentos. Não que a Igreja, em seu conjunto, fosse adversária do cativeiro, mas o fazia à sua maneira. Gostava de catequizar os índios, levá-los para suas propriedades e colocá-los para trabalhar. Quando dava, os jesuítas os alugavam.

O SARGENTO E A PAQUITA — O retrato de homens e mulheres dessa época é surpreendente. Assim como no final do século XX um pai de família tenta assegurar o futuro dos filhos garantindo o estudo numa boa faculdade, no século XVII a melhor herança era humana — índios. O grande dote que um noivo recebia no casamento eram recursos para se tornar sócio de uma expedição destinada a aprisionar indígenas. Podia sair dali com vinte índios, quem sabe trinta, e começar uma vida nova. Viúvas também aplicavam suas economias nesses empreendimentos, recebendo sua parte em espécie. Tratada com violência e atacada por epidemias, a maioria dos índios morria no caminho ou logo depois de chegar à nova moradia. Não se dispõe de dados demográficos seguros a respeito. Mas Monteiro estima que, de cada quatro trazidos à cidade, apenas um fosse capaz de sobreviver a um período superior a um ano.

Nas fazendas, estava reservado um trabalho duro e, muitas vezes, humilhante. Os colonos queriam a mão-de-obra indígena para trabalhar na lavoura, mas, com frequência, esbarravam numa barreira cultural de peso. É que a divisão sexual do trabalho entre os índios reservava o serviço agrícola para as mulheres, enquanto os homens se dedicavam à caça, à pesca e à guerra. Imaginar que um guerreiro fosse transformar-se de bom grado em agricultor seria o mesmo que oferecer a um sargento da PM desempregado o posto de paqueta do show da Xuxa. Por essa razão, o alvo predileto eram mulheres e crianças. Os homens, com frequência, eram empregados para atacar tribos inimigas e também no transporte de mercadorias. Faziam viagens de meses, a pé, com cargas de 30 quilos nas costas. Chegou-se, numa ocasião, a imaginar a possibilidade de importar lhamas do Peru para o serviço. A idéia nem foi adiante porque os lhamas saíam muito caro.

Havia uma ambigüidade na escravidão indígena. Transmitido por herança, vendido e alugado, e também oferecido como garantia de empréstimos, o índio não

